



Anexo 3

Entrevista ao professor 3 (Professora do 1º ciclo)



ENTREVISTA 3

Identificação: Maria Eugénia Saraiva

Idade: 42

Sexo: Feminino

Nível de Ensino: 1º Ciclo

Grupo Disciplinar: 1º ciclo

Tempo de Serviço: 21

Categoria: Professora

Situação Profissional: Professora do Quadro de Nomeação Definitiva

Entrevista: Sujeito 3 (transcrição literal)

Entrevistador (E) - Antes de mais boa-tarde! Em primeiro lugar gostaria de agradecer a sua disponibilidade para participar nesta entrevista. Quero-lhe agradecer também o facto de autorizar que ela fosse gravada em áudio. Esta entrevista enquadra-se num eventual estudo sobre a forma como os professores vêem a educação intercultural na sua prática pedagógica. Mas antes de irmos às questões, gostaria que dissesse o seu nome, a idade, os anos de serviço, em que escola é que esteve ou está, e o cargo que ocupa (... pausa).

S3 (P) - O meu nome é Maria Eugénia Rodrigues Mendonça Saraiva, tenho 42 anos, 21 anos de serviço, sou professora do 1º ciclo, sou especializada em Educação Especial, embora, neste momento, não esteja a exercer.

E – Muito bem. E agora começando com a nossa conversa, sei e, de alguma forma, também foi escolhida para esta conversa que a Eugénia tem 21 anos de serviço, mas nem sempre esteve na mesma escola, pois não? Ao longo destes anos todos foi estando em diferentes escolas.

S3 – Como professora do 1º ciclo, estive 13 anos na mesma escola, S.Pedro – Gouveia, e este ano estive colocada na Escola EB.1 de Pinhanços, onde tive seis alunos de origem Búlgara.

E – Então até já tem uma experiência também neste sentido. E nos 13 anos que estive em Gouveia também teve algum contacto... ou há mais afluência de alunos de outras culturas?

S3 – Eu penso que há mais afluência de alunos de outras culturas. Muitas e cada vez mais.

E – Antes de entramos nesses meandros, eu gostava que me dissesse, e quando falamos de alunos de outras culturas, o que é que é para si a cultura, se podemos falar numa cultura dominante e várias culturas?

S3 – É assim, eu penso que há várias culturas, e cada povo tem a sua cultura própria, uns mais próprios que outros, mas cada povo tem a sua cultura. Neste caso, os alunos búlgaros ou alunos franceses com quem eu já trabalhei...recebi também já alunos, embora não este ano, que frequentaram o ensino doméstico por opção dos pais, e depois houve a adaptação...portanto eram alunos da educação especial e houve a adaptação da escola. Portanto, alunos que vieram...e aí então a cultura era muito marcada. Há países com culturas mais marcantes que outras e acho que temos de respeitar, nós a cultura deles e eles a nossa.

E – Claro, evidente. Muito bem...diz a Eugénia que existem diferentes culturas e hoje mais do que nunca aparece um novo termo, por assim dizer, que é a questão da interculturalidade. O que é que significa isso para si? Nós que estamos num contexto educativo, e o contexto educativo mais do que nunca está a ser cada vez mais caracterizado por mudanças constantes, há em termos de migrações, portanto, várias pessoas que vêm para Portugal e que também nós temos que receber na nossa escola. O que é que significa isso de educação intercultural e como é que esta questão se traduz na escola actual?

S3 – Para mim interculturalidade é a junção de culturas, o contacto entre várias culturas. E nós temos sempre de respeitar a cultura de cada criança. Por exemplo, este ano eu recebi três alunos vindos da Bulgária que não percebiam uma única palavra, e por isto foi um bocado complicado...

E – Acredito que sim... não é fácil...

S3 – Tive de optar por um método global, porque...mesmo a ponto de lhes ensinar o nome dos objectos que não sabiam como se dizia cadeira nem pedir para ir à casa de banho. No entanto, como já havia mais dois alunos na turma, que já lá estavam inseridos na língua portuguesa e na realidade escolar, facilitou todo o processo, uma vez que em algumas situações serviam de intérprete e ajudavam muito...eles ajudavam mesmo muito os outros, e a mim...três crianças coitadinhas que nada...portanto, foi um trabalho muito cansativo no início, complicado...mas foi giro depois ver os progressos que eles fizeram. Depois foi pena porque esses alunos foram abandonando, uns tiveram o primeiro período, houve dois que tiveram o primeiro período... e depois mais duas irmãs que frequentaram o primeiro e o segundo período, e depois também foram à procura de trabalho, porque aqui deixou de haver e foram à procura de trabalho. Mas a evolução desses miúdos era muito engraçado. Foi reconfortante ver isso e os nossos alunos que já estavam na turma, os portugueses, acolhiam-nos muito bem e tentavam ajudá-los e eles repetiam...quero ir à casa de banho, quero ir à casa de banho, posso ir ao quadro...

E – Achou que de facto houve uma boa integração!

S3 – Ah, sim, sim...as nossas crianças aceitam os outros muito bem e vice-versa

E – Muito bem, muito bem...portanto, achou que de facto a dificuldade maior foi a questão da língua...

S3 – Foi a questão da língua...aliás, que me foi facilitada pelo facto de já lá haver dois que já cá estavam há quatro anos e já dominavam e faziam de intérprete...

E – E ajudavam também na integração dos outros...

S3 – Porque senão seria mais complicado.

E – Mas considera que perante essa nova realidade e perante esse desafio que foi lançado e que assumiu muito bem, embora que com algumas dificuldades, acha que a escola no geral, na sua organização, na sua forma também de estar, está preparada para receber os alunos de diferentes culturas, ou acha que é preparada à força ou acha que está e perante os desafios que são lançados nesta era da globalização que se fala tanto, em que agora são os búlgaros, podem ser os bielorrussos, podem ser os franceses,

podem ser os espanhóis...a escola está preparada naturalmente ou preparada à força, o que é que acha?

S3 – Não, a escola não está minimamente preparada. Aí depende da pessoa que está à frente e do esforço que vai fazer. Não existe, neste momento, um conjunto de documentação que se possa utilizar, não existe nada! Temos de ser nós a fazer o material, a construir tudo, quer dizer, aí é o papel do professor. Pelo menos a mim foi o que me aconteceu, eu tive de construir tudo, não existia nada, não existia nenhum material que eu pudesse utilizar, que eu pudesse requisitar, não houve nada, foi tudo material feito por mim, pela colega de Apoio Educativo que entretanto lá foi colocada um dia inteiro e uma tarde...

E– Que também ajudou...

S3– Ajudou, ajudou imenso... e fomos vendo a melhor maneira de construir materiais e de lidar com a situação. Mas isso aí é como tudo, as nossas escolas do interior pouco têm ou nada, quer dizer, tem de ser o professor a fazer e criar...

E– pois, mas mais uma razão...é assim, está bem que esta realidade da interculturalidade ou da educação intercultural seja mais evidenciada neste caso nas escolas urbanas, principalmente na escolas de Lisboa, em que há Cabo-verdianos, angolanos, moçambicanos... mas que de alguma forma, aqui para a nossa zona do interior também já se vai manifestando, não é?

S3– Sim, muito...

E– E apesar de sermos uma escola do interior, também considera que já vamos manifestando alguma capacidade para receber e para integrar no nosso contexto alunos de diferentes culturas?

S3 – Sim, mas lá está, aí é o trabalho do professor é o que está à frente...

E – Apesar das dificuldades, considera que a sua experiência foi benéfica?

S3 – Foi, foi benéfica. Todas as experiências que nos possam enriquecer são sempre benéficas. Mas vou-lhe ser franca, ali nas duas primeiras semanas foi muito complicado, foi muito trabalhoso, porque tivemos de fazer tudo do início, tivemos que ampliar imagens, escolher as imagens mais adequadas, porque eram crianças que não diziam

uma palavra, pronto, e não havia suporte nenhum e foi complicado, foram as duas e três primeiras semanas muito, muito trabalhosas. Mas depois passou a ser benéfico quando se começou a ver com os miúdos, aliás, a criança mais nova foi aquela que começou a ter um desenvolvimento maior, talvez pela idade, a aprendizagem das línguas quer-se quanto mais cedo melhor... a partir da segunda, terceira semana eles já conseguiam comunicar com os outros, não com frases mas sim com palavras...a partir da segunda semana eles começaram a comunicar com as outras crianças com palavras e eles entendiam-se...o que era óptimo.

E – claro, claro ...

S3 – Só que depois, acabaram por ir embora, e não sei muito bem para onde.

E – Mas a experiência que teve e na passagem dos alunos pela escola acha que fez tudo para que eles se integrassem?...

S3 – Sim, tudo, tudo e, aliás, os pais também, os pais dessas crianças também contribuíram para isso, pois ajudavam, iam sempre que a eram solicitados e mesmo quando não eram solicitados conseguimos rapidamente com a intervenção do Agrupamento que essas crianças passassem a ter a alimentação no ATL tal como as outras, conseguiu-se em coisa de dois, três dias arranjar-lhes os livros, conseguiu-se rapidamente organizar as coisas deste modo.

E – Nesses anos que já tem, na experiência e no contacto directo que tem tido com esses alunos quer assim realçar algum caso específico que teve com os alunos, se por acaso ficou a conhecer um pouco mais a cultura deles, a forma de estar, de ser... ou só a relação que teve com eles foi só no sentido de dar um pouco mais de conhecimento da nossa língua, do currículo formal ...ou nessa relação que foi construindo mesmo sendo pouco tempo, houve mais do que isso?...

S3 – Não, há sempre mais que isso e houve sempre mais que isso. Neste caso, os alunos de Pinhanços conhecem muito da cultura búlgara, porque aproveitávamos...nós temos de partir sempre da realidade das crianças... e tendo ali seis crianças cuja realidade não era aquela, teríamos forçosamente que as deixar falar, que as deixar explicar e contar aos outros os elementos da sua identidade cultural. (...) uma experiência muito enriquecedora foi a promoção de festas onde se aproveitava para se divulgar alguma coisa, umas danças, umas canções... era engraçado, e como tinha dois no 4º ano,

sempre que se falava nalgum tema, eles acrescentavam alguma coisa sobre a cultura deles. E isto é sempre enriquecedor...

E – claro, claro...mas nunca senti parte doutros colegas que estão cá na escola nenhum sentido de discriminação?

S1 – Não, não... aceitavam-nos muito bem... em brincadeiras aceitavam-nos muito bem e estavam com muita atenção quando eles explicavam alguma coisa da sua cultura.

E – para aprender...

S3 – Para aprender...a certa altura uma delas dizia-me “olhe nós comprámos uma Igreja”. Uma Igreja? Toda a gente ficou...então ela lá tentou explicar numa aldeia perto do concelho de Gouveia, que é Vinhó, e pelo que nós entendemos deveriam ter comprado algum edifício e aos fins de semana reuniam-se para celebrar o culto deles...e ela então dizia que tinham comprado uma Igreja..

E – Portanto está a falar sobre aquilo que conseguiu aprender e perceber, acha que os alunos, independentemente das idades mas dentro da mesma cultura, conseguem ver a vida escolar da maneira como os nossos alunos vêem? Neste caso contou a experiência que teve com alunos Búlgaros, daquilo que lhe foi dado a conhecer, na questão daquilo que é a valorização da vida escolar, acha que eles dão mais importância que os nossos.

S3 – Não dão. Os Búlgaros que nós temos e tivemos não dão. Não dão valor à escola. Dá-me ideia que isso (dar valor) aprenderam aqui, porque na altura das primeiras reuniões com os pais, apercebi-me que eles eram, pelo menos aqueles que eu lá tenho, sei que os de Santa Marinha já não é bem assim, mas aqueles que eu lá tenho eram de etnia cigana. Nenhuma daquelas crianças tinha ido à escola, nem frequentaram pré-escolar nem nada. Eles não viam a escola como nós vemos, a necessidade de ir à escola, não como obrigação...(pausa) agora aqui eu penso que eles mudaram, e estavam a mudar. Os mais velhos já diziam que a minha filha tem que ir, já compreendiam que não podiam faltar, ao contrário dos que vinham, que no início achavam que iam um dia e se fosse preciso ficavam dois ou três em casa.

E – Porque que motivo isto aconteceria? Acha que é próprio da cultura? Será pela vida que têm, uma vida de itinerância, agora estão aqui, têm um emprego, um emprego

precário, por assim dizer, mas depois têm de ir à procura de novas condições. Será que é por isto?

S3 – Eu penso que seja por isso. Pelo menos estes que eu tenho, não me dão a ideia que dessem, grande importância à escolarização. Daí nenhum deles ter frequentado o Jardim de Infância, por exemplo. E os que vinham, passaram a dar porque os dois que cá estavam, já tinham sido trabalhados, porque se não fosse isso, dá-me ideia que, eles não iriam logo para a escola, nem nada no género. Mas são assim, aqueles alunos que eu lá tenho.

E3 – Estava a dizer que começou do nada, e não tinha material nenhum, mas, no entanto, a experiência foi interessante pois conseguiu alguns resultados. E os pais também ajudaram?

S3 – Sim, ajudaram. Neste caso, são pessoas humildes, são pessoas que ouvem, que vão para ouvir. Por exemplo, uma das miúdas foi finalista, fez o 4º ano, e nós organizamos uma missa. Eu chamei lá os pais para explicar como era. Eles aqui não vão à missa. Eu chamei os pais para explicar como é que ia funcionar a festinha.

E – A Bulgária é maioritariamente Ortodoxa.

S3 – Mas é assim, a menina foi, eles foram, adoraram e não colocaram qualquer entrave. No início, quando havia as festas, no 1º período, os pais não apareciam. Levavam os miúdos e iam embora. Depois, quando foi na avaliação do 1º período, eu coloquei lá por escrito e disse-lhes que eles não eram participativos, que não iam. Então mas é preciso ir? É preciso ir. Quer dizer, nós temos de compreender a cultura deles mas eles também têm de compreender a nossa. Não somos só nós que temos de nos adaptar, eles também têm de se adaptar. E, a partir daí, eles foram. Era engraçado...

E – Mas esse trabalho, e é interessante o que está a dizer, porque, é assim, e diz muito bem, eles se vêm para um país diferente, também têm de se adaptar. E à partida tem que haver essa predisposição. Mas agora também queria fazer outra pergunta que também tem a ver com a nossa conversa. É assim: a Eugénia como professora, já com vários anos de experiência, partiu deste princípio: Bem, os pais são pouco participativos e então nós fazemos actividades da escola que, à partida, é para eles se integrarem, para se sentirem bem e para conhecerem um pouco daquilo que nós fazemos, mas porque é que

eles não participam? Isto partiu também de si, do trabalho que desenvolveu para chamar os pais à escola?

S3 – Tem de ser sempre. E chamá-los a atenção quando não vão. Porque é assim, não é no final do ano que nós lhe vamos dizer: - olhe, não participou nisto, nisto e nisto. É na altura certa!

E – Claro! Mas aí está. Mas também tem a ver com a questão da interculturalidade. É assim, se há progressividade dentro de um contexto global, naturalmente que eles também têm que saber aceitar, e aceitar aquilo que os envolve. Se não, também há uma situação de ruptura, as pessoas não se integram bem e vão para outro sítio. Mas é isso que eu quero perguntar. A Eugénia, no exemplo que deu e no testemunho que está a dar, pensa que, hoje em dia, os professores estão preparados para esta questão da educação intercultural? Acha que é uma questão que tem a ver com a maneira de ser de cada um, ou requer alguma preparação através de acções creditadas?.....

S3 – Isso depende sempre de cada um. Nós chegamos a uma escola que não tem material. Vamos cruzar os braços? Não vamos. Temos que fazer alguma coisa para o conseguir. Eu penso assim! Depende sempre de quem está à frente. É evidente que alguns temas, se nós pudermos ter formação, melhor seria! E não digo que não! Mas mesmo com a formação, agente não se pode resignar. Não! É assim! Não tenho, não faço. Não temos, mas temos mãos e é para fazer.

E – Muito bem. Acha que, de alguma forma e pelos casos que já contou, os alunos que teve, apesar de passar uma fase mais difícil no início, mas depois as coisas correram bem, acha que de alguma forma eles estão cá, apreendem aquilo que nós somos e também um pouco da nossa identidade, da nossa cultura, e acha que por si só isso vai fazendo com que eles percam os traços identitários, ou seja, que eles percam um bocadinho daquilo que é a sua cultura, ou acha que eles conseguem dosear e conciliar?

S1 – Eu acho que eles conseguem conciliar. Para começar porque são vários. Como são várias famílias que estão espalhadas por vários sítios. Por exemplo, no caso de Pinhanços, como estão aquelas três ou quatro famílias, eles juntam-se ao fim de semana e têm lá os rituais e nas suas festas tinha uma que levava sempre qualquer coisa, para mim e para os colegas. Era só um bocadinho, mas levava e explicava como se fazia. Trabalhei em Gouveia, eu estou a tentar ver se me recordo qual era o país, mas não sei.

Eles têm um restaurante, Quinta das Cegonhas, em Melo e eles tinham alturas em que vinham muitos casais de lá, do país deles, só para se encontrarem, para fazerem as suas festas. Tinham encontros. Ali eram eles os únicos. Sei que a mãe frequentou o ensino recorrente, na altura logo que veio, e sempre muito interessados. Eles tinham um interesse pela vida escolar, que era qualquer coisa! No início o miúdo não se conseguiu adaptar e eles optaram pelo ensino doméstico, e depois quando foi transição, antes de ir para o 5º ano, eles acharam que devia ter um ano de escola regular, e teve. Fizemos uma integração muito bem, mas eram pessoas que quinzenalmente, até porque que ele tinha vários problemas e era uma criança com o ritmo de aprendizagem muito lenta, com muitas dificuldades de aprendizagem; Tinha dislexia, disgrafia e os pais continuavam muito interessados. Embora eles, em Gouveia, sendo os únicos, duas ou três vezes por ano vinham pessoas do seu país e faziam lá (coisas), porque o miúdo, o Vasquito, dizia-me, hoje vou ter e vamos fazer isto e aquilo, etc.

E – Então, acha que de alguma forma, eles não vão perdendo os traços identitários da sua cultura?

S3 – Não perdem.

E – Sempre que podem, eles mantêm isso, com esses encontros, com essas festas?

S3 – Mantêm.

E – Mas para finalizar a nossa conversa, eu gostava que desse a sua opinião sobre o seguinte: Acha que a educação intercultural está assente e é uma realidade cada vez mais eminente, na escola, ou seja, pensa que os professores estão preparados para a desenvolver nos seus projectos, na sua prática pedagógica, ou acha que é preciso fazer mais alguma coisa ?

S3 – É assim, eu se não fosse professora era fã dos professores, porque eu acho que os professores com o pouco que têm conseguem muito. No entanto, penso que alguma formação não seria má, porque é evidente que a experiência vai-nos ajudando. Já tenho 21 anos de serviço, tenho alguma experiência. Agora acredito que se fosse alguém com menos experiência, sentia mais dificuldade, e com mais tendência para desmotivar.

E –É importante abordar aquilo que chamam os estereótipos ou preconceitos. A Eugénia falou-me na experiência que tem tido com Búlgaros. Já teve com outros. Já teve a experiência com alguém de etnia cigana?

S3– Já.

E – Acha que a experiência foi idêntica. Acha que daquilo que sentiu com os Búlgaros pode dizer que foi a mesma coisa? O que é que acha que condicionou o seu trabalho?

S3 – Não. Eu não tive a experiência directa com Búlgaros, mas a escola onde eu estava, e na altura era coordenadora, tínhamos cerca de 100 alunos e houve uma altura em que tínhamos lá três crianças de etnia cigana. Dois deles, por serem mais novos, conseguimos bons resultados de integração da família. Também eram famílias novas. Os pais eram casais novos. Houve um outro com 12 anos, que foi um bocado mais complicado, porque eles acharam que a escola é que se tinha de adaptar a eles totalmente e eles não tinham de se adaptar a nada. O menino entrava na sala durante os primeiros três ou quatro dias à hora que ele queria e lhe apetecia. Depois dissemos-lhe que tinha de respeitar a hora de entrada e a hora de saída e aqui foi mais complicado. Teve de ser feito um trabalho directo com os pais, com os assistentes sociais, com vários parceiros. Era uma família de rendimento mínimo e o pai estava preso. Era uma família complicada. Mas não acho que seja da mesma forma quando a família não está bem integrada, porque há outras famílias de etnia cigana que estão bem integradas. Agora o caso do José foi complicado. E ele acabou por pedir transferência porque dizia que ali tinha de trabalhar. Eu penso que a cultura cigana, a maior parte deles, está habituada só a receber e a ter tudo e a não dar nada. Não têm que respeitar os outros, os outros têm que os respeitar a eles. Já é diferente. É uma cultura específica que torna mais complicado o trabalho de um professor.

E – Isso significa que é um grande desafio e há muita coisa a fazer.

S3 – Aí o trabalho tem que se começar não com as crianças, mas com as famílias. Os pais, nas primeiras semanas, têm de ser convidados a vir à escola. Na altura fizemos assim, convidámos os pais para verem como era a sala, para estarem lá um dia e indicar-lhes as regras que eram iguais para toda a gente. Nós tivemos um problema com uma cigana pequenita porque um colega entalou-lhe o dedo e a menina perdeu a unha e a mãe aceitou bem. Se fosse no caso do mais velho, já era diferente porque a família não

via bem a escola. Ele estava ali, recebiam o rendimento mínimo, e foi obrigado a vir à escola.

E – Só para terminar, acha que nos dias de hoje, podemos chamar ao professor, um professor intercultural? O que é que isso significa para si ? Acha que é pertinente nos dias de hoje?

S3 – Eu penso que tem que ser. Todos nós temos que ser, porque nós estamos em frente de uma turma e as realidades que nos aparecem, hoje em dia, são cada vez mais díspares. Eu penso que sim que tem mesmo de ser por aí. Antigamente ia-se para uma aldeia, ou mesmo numa cidade e as crianças tinham mais ou menos as mesmas vivências. Hoje cada vez mais, isso é diferente, porque nós conseguimos ter numa aldeia todos os estratos, digamos estratos culturais, logo aí todos os tipos de cultura. Enquanto há uma criança que não sabe o que é uma banana, há outros que já foram ao Hawai. Logo aí um professor, ao ter que lidar, tem que lidar com todos, tem que falar na realidade de todos e tem de partir da realidade de todos.

E -Esta era a última questão que eu tinha para lhe colocar, resta-me agradecer mais uma vez a sua disponibilidade para esta entrevista e desejar-lhe um bom resto de dia.

S3 - Muito obrigada, não tem nada que agradecer, foi um prazer.